

Machado de Assis, crítico da imprensa sensacionalista

Marcos Fabrício Lopes da Silva
Professor da Faculdade Promove de Sete Lagoas, MG
Mestre– UFMG
Jornalista – Centro Universitário de Brasília, DF (UnICEUB)

Resumo:

O contexto que cerca a temática deste artigo é marcado pelo debate a respeito da corresponsabilidade da imprensa sensacionalista na promoção de eventos desintegradores das relações sociais, tais como: a banalização da violência, a produção do medo coletivo e a reprodução da desigualdade no campo simbólico administrado pelos meios de comunicação. Busco neste estudo destacar e analisar, em um conjunto de crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias*, a atuação de Machado de Assis como crítico da imprensa sensacionalista. Para o cronista, o sensacionalismo atuou como princípio editorial de forma acentuada na imprensa brasileira a partir dos anos oitenta do século 19. Machado percebeu com perspicácia que o sensacionalismo, enquanto agente da “banalização do mal”, representava não só o grau mais radical de mercantilização da informação, mas principalmente a válvula de escape de nossa “pulsão de morte”, compreendida como fenômeno obscuro e curioso da psicologia coletiva.

Palavras-chave: Machado de Assis; imprensa sensacionalista; crítica da mídia

O contexto que cerca a temática deste artigo é marcado pela discussão a respeito da corresponsabilidade da imprensa sensacionalista na promoção de eventos desintegradores das relações sociais, tais como: a banalização da violência, o incentivo à pedagogia do terror e pânico, a construção de estereótipos e a ordem desigual introjetada pelo campo simbólico administrado pelos meios de comunicação. Estas condutas desarticuladoras de um almejado convívio harmonioso entre os indivíduos que compõem o tecido social servem de pauta para um tipo de jornalismo que, em nome da busca pela novidade e pelo sensacional, colabora para a instituição massificadora da transgressão como estágio de regra e da norma como regime de exceção. Tal postura editorial é chamada por Danilo Angrimani (1995) de espetáculo do

“espreme que sai sangue”,¹ devido à forte presença, nos jornais, de crimes, desastres, apelações sexistas, roubos, escândalos, monstruosidades e uma linha de acontecimentos traumáticos. A abordagem que se dá a estes fatos é defendida por uma orquestração editorial responsável por indicar valores que reduzem o nobre interesse público ao empobrecimento do interesse do público. Este comportamento, que ainda marca a cena contemporânea, já era alvo de análises contundentes realizadas pelo jornalista Machado de Assis. Basta consultar uma série de crônicas produzidas por ele e publicadas na *Gazeta de Notícias* para atestar o pioneirismo deste escritor como crítico da imprensa.

A corrente sensacionalista mistura informação e opinião, formando uma espécie de *guisado*, um “sarapatel de miúdos”. Só que de miúdos humanos. De um lado, a notícia pretende funcionar como um misto de relato fiel e boletim de ocorrência expedido pelo jornal. A opinião vem salpicada, a título de pré-julgamento, e incrementada por uma ordem persuasiva, que lança mão da sobriedade, para acompanhar a efervescência emocional – o calor da hora – provocada por uma narrativa em que o fato ganha contornos dramáticos e o contexto, pertencente à ordem reflexiva, “amarga o banco de reservas”. O modelo sensacionalista, segundo Laurence Hallewell (1985), desponta no cenário brasileiro como alternativa para ampliar a circulação dos jornais, haja vista o declínio do folhetim, já evidente em 1885. Esta precisão cronológica – marco da imprensa sensacionalista no Brasil enquanto política editorial de grande escala – pode ser confirmada, por exemplo, se levarmos em consideração a crônica de 14 de março do referido ano,² escrita por Machado de Assis, na qual ele se debruça sobre o assunto de forma lapidar.

Naquela oportunidade, o cronista afirmava que a imprensa, pautada por um “erotismo de publicidade”, tornava-se coautora da violência social ao transformá-la em espetáculo da notícia. Isso se deu a partir do momento em que o jornal passava a oferecer grande espaço e destaque em suas páginas para cobrir as infrações cometidas pelos “capoeiras”. Assim eram tratados aqueles que se promoviam pelo caminho da criminalidade. De acordo com a opinião de Machado de Assis: “[O capoeira] recorre à navalha, espalha facadas, certo de que os jornais darão notícias das suas façanhas e divulgarão os nomes de alguns.”³ Como medida remediadora deste mal, o cronista indica como saída “não publicar mais nada, trancar a imprensa às valentias da capoeiragem. Uma vez que se não dê mais notícia, eles recolhem-se às tendas, aborrecidos de ver que a crítica não anima os operosos”.⁴ Tal medida enérgica sugerida por Machado, a meu ver, pode ser interpretada como uma “faca de dois gumes”: por um lado, ele alertou para o perigo de os holofotes da imprensa, ao invés de lançarem luz sobre fatos edificantes de interesse público, preferirem estar voltados às ações criminosas que geram desdobramentos nocivos, aclimatados por uma certa apologia da violência. Por outro, o cronista parece descartar a hipótese de que a violência enquanto fato social não pode ser desprezada como pauta jornalística, pois é um indício comportamental que merece toda a atenção e destaque. Não se deve colocar simplesmente uma “pedra” sobre este assunto, correndo o sério risco de se construir um tabu e não uma solução. Diferentemente da abordagem sensacionalista, a cobertura da violência e da criminalidade por parte da imprensa deve e pode ser conduzida de acordo com princípios educativos que privilegiem a reflexão social sobre estas condutas, buscando ações concretas para o seu tratamento adequado.

¹ ANGRIMANI. *Espreme que sai sangue*: um estudo do sensacionalismo na imprensa.

² MACHADO DE ASSIS. *Balas de estalo*, p. 442-444.

³ MACHADO DE ASSIS. *Balas de estalo*, p. 444.

⁴ MACHADO DE ASSIS. *Balas de estalo*, p. 444.

Com o passar das crônicas, percebo que Machado de Assis vai apurando o seu ponto de vista a respeito do sensacionalismo midiático, atingindo um alto nível de sofisticação crítica. Senão, vejamos. Em “O punhal de Martinha”,⁵ ao saber, pelos jornais, do caso da mencionada mulher que se defendeu de uma tentativa de estupro com um punhal, Machado vai questionar os motivos pelos quais este episódio recebe o desdém elitista e menos atenção do que as tragédias clássicas. Argumenta o cronista que o badalado punhal de Lucrecia não passa de uma lenda romana, sendo o punhal de Martinha, até certo ponto superior ao da ficção, por se tratar de um episódio que de fato ocorreu. Machado também fez oposição à “palmatória dos gramáticos”, ao valorizar a linguagem coloquial presente na seguinte declaração de Martinha direcionada ao malfeitor: “Não se aproxime que eu lhe furo”.⁶ Esta fala recebeu os elogios do cronista, ao considerá-la um “tocante eufemismo” e “um achado do povo” que “sabe às vezes mais que os retóricos de ofício”.⁷

Mesmo destacando Martinha, ao projetá-la como centro dos acontecimentos, e não como elemento anônimo da paisagem social, Machado de Assis, diante desse episódio, adverte que o caso, conforme foi noticiado, seria logo ignorado. Talvez o cronista estivesse aí antecipando o destino cruel para esta personagem da vida real: Martinha estaria fadada a se tornar mais um número nas estatísticas da violência urbana, como é de praxe ser este o destino de pessoas que não compõem o quadro das “celebridades”. O cronista reforça a tese de que Martinha não será mais lembrada: “com tudo isso, arrojo de ação, defesa própria, simplicidade de palavra, Martinha não verá o seu punhal no mesmo feixe de armas que os tempos resguardam da ferrugem (...). O de Martinha irá rio abaixo do esquecimento”.⁸ Ao romper a barreira do anonimato e da efemeridade imposta aos acontecimentos da vida dos marginalizados pelo *fait divers*, Machado aproxima sua crônica de episódios miúdos da narrativa histórica dos grandes feitos e grandes homens na linha dos cronistas da Antiguidade e Idade Média, procurando recuperar a humanidade de personagens reduzidos a objetos de notícia sensacionalista.

Mais uma vez atento aos reflexos das ações hegemônicas sobre a vida daqueles que pertenceram à base da pirâmide social do seu tempo, Machado de Assis foi capaz de tirar da *invisibilidade* um tipo social ignorado há tempos por uma imprensa não acostumada a ouvir os dois lados da questão. Principalmente, quando se estava em jogo os interesses de senhores e escravos. No auge da campanha abolicionista, Machado opta em ouvir o personagem negro – Pai Silvério – e reproduzir a declaração deste “escravo de ganho” em crônica publicada na seção “Gazeta de Holanda”.⁹ O cronista pautou-se pelo princípio de dar crédito a quem de fato iria ser atingido diretamente pelo fim da escravatura. Informa Pai Silvério que ele era uma vítima constante de agressão física por parte do senhor: “pancada, quando não vendo, /

⁵ MACHADO DE ASSIS. A Semana/O punhal de Martinha, p. 615-616.

⁶ MACHADO DE ASSIS. A Semana/O punhal de Martinha, p. 616.

⁷ Com relação à importância do uso de expressões populares para o dinamismo da língua, destaco ainda a seguinte passagem contida em “Instinto de Nacionalidade”, artigo escrito por Machado de Assis, em 1873: “Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade” (MACHADO DE ASSIS. A Semana/O punhal de Martinha, p. 808-809). (grifo meu)

⁸ MACHADO DE ASSIS. A Semana/O punhal de Martinha, p. 616.

⁹ MACHADO DE ASSIS. Gazeta de Holanda, p. 384-387.

Pancada que dói, que arde; / Se vendo o que ando vendendo, / Pancada, por chegar tarde.”¹⁰ O vendedor de verduras ainda denuncia o quanto a alimentação a que tinha direito era escassa: “(...) Comida pouca: / Pires de feijão, e um pingo / De café, que molha a boca”.¹¹ E encerra o seu depoimento, dirigindo-se aos juristas, àquela altura empenhados em impor a figura do *statu liber*, espécie de meio-termo entre a liberdade e o cativeiro, construindo esta sentença emblemática: “*tu tá livre, eu fico escravo*”.¹² Infere-se desta declaração que a condição escrava não constitui a identidade do negro e sim é configurada como fruto da construção cultural de uma hegemonia branca que reservou ao afro-descendente o exclusivo papel de força de trabalho, destituindo-lhe até mesmo da condição de sujeito.

Ao considerar Pai Silvério como *fonte* de informação (algo fora do comum na imprensa da época), Machado proporciona que o sistema escravocrata seja desvelado pela voz do escravo de ganho. Na crônica em questão, o personagem negro se apresenta como sujeito sábio, detentor de uma capacidade de análise apurada sobre os fatos, e plenamente capaz de oferecer um depoimento consistente em prol de uma aguçada reflexão social e política a respeito do debate envolvendo os direitos de liberdade e propriedade, tão em evidência no certame ideológico do Brasil oitocentista.

Faz-se necessário destacar, portanto, que Machado de Assis não reproduziu certos estereótipos que incidiam sobre os negros, conforme era de praxe acontecer, por exemplo, em *reclames* dos jornais da época. No conto “Pai contra mãe”,¹³ nosso escritor destaca um tipo de publicidade do negro, construída a partir da formatação dos interesses do estamento senhorial. Quem perdia um escravo por fuga “punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia da gratificação”.¹⁴ Em termos visuais, informa Machado, “muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa”.¹⁵

Esta (re)produção de estereótipos é resultado de julgamentos pré-concebidos que culminam em uma armadilha ideológica sem precedentes. Grande parte destes valores conservadores acabaram sendo endossados pela imprensa de cunho sensacionalista. Chegamos então à avaliação de Machado de Assis a respeito da cobertura jornalística dada à gente do líder político e religioso Antonio Conselheiro no episódio fatídico da Guerra de Canudos (1896 a 1897), que culminou na execução de mais de seis mil sertanejos pelos militares. Machado dedicou uma série de crônicas para tratar desse espinhoso assunto, sendo a última delas,¹⁶ um divisor de águas para o *fazer jornalístico em tempos de guerra*. Salienta o cronista que Antônio Conselheiro, sem direito à defesa, foi tachado de “fanático”, “salteador”, “inimigo número um da República”, e a imprensa abraçou estes rótulos com base apenas em fontes do governo, sem investigar se tais avaliações tinham fundamento ou não, sem ouvir e publicar a versão dos sertanejos. Quanto a isso, Machado se posicionou de forma explícita e incisiva: “protesto contra a perseguição que se está fazendo à gente de Antônio Conselheiro”.¹⁷

¹⁰ MACHADO DE ASSIS. Gazeta de Holanda, p. 387.

¹¹ MACHADO DE ASSIS. Gazeta de Holanda, p. 387.

¹² MACHADO DE ASSIS. Gazeta de Holanda, p. 387.

¹³ MACHADO DE ASSIS. Pai contra mãe, p. 659-667.

¹⁴ MACHADO DE ASSIS. Pai contra mãe, p. 660.

¹⁵ MACHADO DE ASSIS. Pai contra mãe, p. 660.

¹⁶ MACHADO DE ASSIS. A Semana, p. 402- 407.

¹⁷ MACHADO DE ASSIS. A Semana, p. 401.

E fez uma série de ressalvas a respeito da cobertura noticiosa do conflito de Canudos. O cronista observou e avaliou certos pontos que invalidaram o trabalho do repórter encarregado de fornecer as notícias do conflito: em primeiro lugar, ele escrevia da capital da Bahia, o que impossibilitava atestar *in loco* o fato e os seus desdobramentos. Além disso, o correspondente fundamentava a notícia a partir das versões de testemunhas de oitiva, e não de testemunhas oculares e dos que viviam na pele o drama da guerra. Além disso, Machado foi ousado ao denunciar que “nenhum jornal mandou ninguém aos Canudos” e aproveitou a oportunidade para apontar um caminho em prol de uma apuração verdadeiramente qualificada dos acontecimentos: o envio, para a região do semi-árido baiano, de “um repórter paciente e sagaz, meio fotógrafo ou desenhista, para trazer as feições do Conselheiro e dos principais subchefes”, e que pudesse construir, assim, a “verdade inteira” sobre os fatos. “Seria uma proeza americana”, afirma o cronista.¹⁸

A solicitação de Machado surtiu efeito. Foi enviada àquela localidade uma série de correspondentes, o que proporcionou uma cobertura jornalística de dimensões nunca antes vistas. Walnice Nogueira Galvão é de opinião que “a Guerra de Canudos, se não inaugurou, deve ter intensificado extraordinariamente no Brasil a praxe jornalística de dispor enviados especiais no local dos acontecimentos”.¹⁹ Arrisco dizer que o “grito de alerta” dado por Machado preparou o terreno para o trabalho de escritores e jornalistas, com destaque para Euclides da Cunha. Na condição de correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, ele pôde acompanhar de perto os dramas daquele conflito e reuniu suas impressões sobre o mesmo, na célebre obra *Os sertões*, publicada em 1902.

Ainda sobre a crítica ao sensacionalismo realizada por Machado de Assis, destaco, por último, a crônica de 16/09/1894.²⁰ Nesse enredo, a meu ver, a promoção da violência como produto jornalístico é compreendida não só como “o grau mais radical de mercantilização da informação”, segundo Ciro Marcondes Filho (1989), mas principalmente como válvula de escape de nossa “pulsão de morte”, este fenômeno obscuro e curioso da psicologia coletiva. No diálogo entre o narrador e uma fã de tragédias, a ironia machadiana chega a ser corrosiva. Os personagens ficaram frustrados por não ter havido vítimas decorrentes da queda do edifício da fábrica das Chitas. Ao invés de os dois se sentirem aliviados e satisfeitos por aquela excelente notícia, a senhora busca imaginar como seria a tragédia e os seus possíveis desdobramentos. O interlocutor, perversamente, constrói uma cena imaginada e como seria o impacto desta, frente à opinião pública: “imagine que morria gente, que havia pernas esmigalhadas, ventres estripados, crânios arrebatados, lágrimas, gritos, viúvas, órfãos, angústias, desesperos (...) Era triste, mas que comoção pública! Que assunto fértil para três dias!”.²¹ E justifica a necessidade humana que movimenta a ciranda sensacionalista: “Nós precisamos de comoções públicas, são os banhos elétricos da cidade. Como duram pouco, devem ser fortes”.²² Nesse sentido, Machado compreende, com exímia argúcia, os papéis que o sensacionalismo absorve para si como agente realizador, mesmo que momentaneamente, de nossas emoções obscuras e reprimidas e apaziguador de nossas pulsões. O material sensacionalista atua como um escoadouro dos impulsos, e a fórmula de enaltecer, de maneira exagerada, os aspectos emocionais da notícia, é bem-sucedida justamente por trabalhar com as emoções que o público desconhece ou recusa em si.

¹⁸ MACHADO DE ASSIS. A Semana, p. 404.

¹⁹ GALVÃO. *No calor da hora*: a guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição, p. 109.

²⁰ MACHADO DE ASSIS. A Semana, p. 622-625.

²¹ MACHADO DE ASSIS. A Semana, p. 623.

²² MACHADO DE ASSIS. A Semana, p. 623.

Machado de Assis apresenta nessa crônica em particular uma comparação que simboliza bem os encantos e os desencantos causados pela notícia trágica: mais vale “o espetáculo de uma perna alanhada, quebrada, ensangüentada” do que “o da simples calça que a veste”,²³ conforme confessa sem titubear o narrador para depois dar-nos o motivo: “as calças, esses simples e banais canudos de pano, não dão comoção”.²⁴ Comoção significa abalo de certa gravidade na ordem pública, sacudidela, choque resultante de descarga elétrica. Estes sentidos fazem da comoção a palavra-chave que movimenta o fazer jornalístico de viés sensacionalista.

Nos detalhes entre a mercantilização da informação e os desejos obscuros da mente humana, a pena da galhofa e a tinta da melancolia de Machado de Assis descreveram e avaliaram as diversas facetas que, como vimos, compõem a exploração emocional dos fatos, praticada pelo modelo sensacionalista, contrário ao paradigma preconizado pelo cronista desde jovem. Precisamente, refiro-me ao artigo “O jornal e o livro”,²⁵ no qual Machado definiu o jornal como “a verdadeira forma da república do pensamento”, “a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos” e “a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções”.²⁶ No entender do Bruxo do Cosme Velho, este papel social da imprensa enquanto agente de reflexão, tendo em vista o desenvolvimento da educação dos seus leitores, em grande parte, foi inviabilizado no Brasil pelos transtornos causados pelo regime sensacionalista. Ainda hoje, convivemos com este modelo de “jornalismo de impacto”, criado para que a sociedade fique em eterno estado de choque, a ver naufrágios...

Abstract:

The context that surrounds the subject of this article is highlighted by the debate on the co-responsibility of the sensationalist press in bringing about events that disintegrate social relations. Such events are: banality of violence, production of collective fear and disparity maintenance in the symbolic field managed by the media. I seek in this study to outline and analyze, in a set of chronicles published by *Gazeta de Notícias*, Machado de Assis's attitude as a critic of the sensationalist press. For this chronicler, sensationalism has acted as an editorial rule in a accented way in the Brazilian press of the 1880s. Machado shrewdly realized that sensationalism, as an agent of the “banality of evil”, represented not just the highest degree of information trading, but mainly as a form of escapism from our “death instinct”, understood as an obscure and curious phenomenon of collective psychology. In Freud's view, self-destructive behavior is an expression of the energy created by the death instincts.

Keywords: Machado de Assis; sensationalist press; media criticism

²³ MACHADO DE ASSIS. A Semana, p. 624.

²⁴ MACHADO DE ASSIS. A Semana, p. 624.

²⁵ MACHADO DE ASSIS. Miscelânea/O jornal e o livro, p. 943-948.

²⁶ MACHADO DE ASSIS. Miscelânea/O jornal e o livro, p. 945.

Referências

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: uma história*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985.

MACHADO DE ASSIS. Miscelânea/O jornal e o livro. *Crônica*, 10 e 12 de janeiro de 1859. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 943-948. 3 v.

MACHADO DE ASSIS. Balas de estalo. *Crônica*, 14 de março de 1885. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 442-444. 3 v.

MACHADO DE ASSIS. Gazeta de Holanda. *Crônica*, 27 de setembro de 1887. In: *Crônicas*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938. p. 384-387. 4 v.

MACHADO DE ASSIS. A Semana/O punhal de Martinha. *Crônica*, 5 de agosto de 1894. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 615-616. 3 v.

MACHADO DE ASSIS. A Semana. *Crônica*, 16 de setembro de 1894. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 622-625. 3 v.

MACHADO DE ASSIS. A Semana. *Crônica*, 31 de janeiro de 1897. In: OBRAS COMPLETAS DE MACHADO DE ASSIS. São Paulo: W. M. Jackson, 1955. p. 402- 407. 3 v.

MACHADO DE ASSIS. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. *Crítica*, 24 de março de 1873. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 801-809. 2 v.

MACHADO DE ASSIS. Pai contra mãe. *Relíquias de casa velha* (1906). In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 659-667. 2 v.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social de segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1989.